LINGUAGEM VIVA

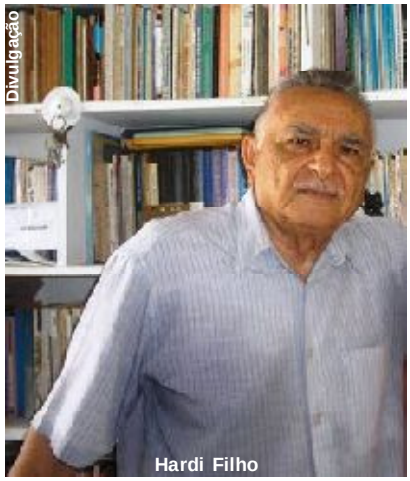
Ano XXIV Nº 299 julho de 2014

HARDI FILHO, SUA VIDA, NOSSA VIDA E A POESIA

Francisco Miguel de Moura

Hardi Filho completou, em 5 de julho deste 2014, seus 80 anos de idade e 50 de poesia e literatura. Poeta e cronista, observador arguto, com o toque do jornalismo que praticou. Mas na crônica não deixa de lado o tempero dos sonhos. Além disto faz crítica literária quando a obra e o instante lhes aprazem. Contamos, sempre com ele, a Academia e a comunidade literária, na organização, ajuda e preparo dos concursos e outros misteres. Tendo em vista o seu valor humano e literário, a Academia Piauiense de Letras, no último sábado, promoveu a comemoração do seu aniversário, fechando solenemente o semestre acadêmico. Um dia festivo marcante. E, nesta crônica que promete ser longa, relembro algumas coisas tiradas do baú da memória e ligadas à nossa vivência de amigos e poetas, que marcam o perfil psicológico e moral do homenageado. Direi, de início, como disse na festa acadêmica comemorativa, que Hardi Filho é um exemplo de probidade, generosidade, homem desprendido das coisas materiais e preso aos amigos. Nestes 50 anos de vida e vivência não tivemos sequer uma só "diferença", na amizade, na camaradagem e no bem-querer, tudo batizado e carimbado desde o dia 5-7-1964, quando me ofereceu seu livro *Cinzas e Orvalhos*, com autógrafo firme de quem estava em plena forma. Logo que chegara da Bahia, aqui o encontrei e sua poesia adulta, forte, grandiosa, num estilo simbolista, cujas raízes adivinhávamos estar em Augusto dos Anjos e Celso Pinheiro, grandes mestres, o primeiro mais conhecido, o outro menos. Hardi Filho, em seu começo, é um simbolista equiparado ao que houve de melhor na literatura brasileira. A citação dos dois grandes nomes é apenas pra dizer que suas leituras eram das melhores, pois que se começa a conhecer o poeta por seus antecedentes de leitura. Quem lê bem, escreve bem; quem não lê, nunca virá a escrever – eis a minha glosa ao dito popular. Hardi leu bem e estreou impecavelmente com *"Cinzas e Orvalhos"*, em 1964. Há algum tempo venho tentando convencer a Academia Piauiense de Letras a incluir *"Cinzas e Orvalhos"* na lista de suas publicações comemorativas do centenário, a ser comemorado em 2017. Primeiramente, porque o livro do Hardi Filho é ótimo, ganhou um concurso da Prefeitura Municipal de Teresina e foi julgado pelos acadêmicos João Nonon Fontes de Moura Ibiapina, Júlio Martins Vieira e Mário José Batista como o primeiro lugar e merecedor do prêmio. Segundo, porque está completando 50 anos de publicada a primeira edição e possivelmente jamais será editado, pelo cálculo que se tem referente a reedições. Terceiro, porque Hardi Filho tem sido generoso na sua vida comum e na literatura; ele atende a todos que o procuram com prazer e bonomia; recebe todos em sua casa, conversa sabiamente sobre o fazer poético e o amor ao belo. Tudo isto, sem deixar de lado o seu propósito: Não procurar ninguém, não pedir a ninguém, quem quiser que o procure. Diante destas razões, meu apelo à APL, se vingar a idéia de publicação de alguns vivos, é editar Hardi Filho.

Antes que me esqueça, reabro o baú da memória e das saudades para acrescentar: Quando morei na Bahia (meus filhos fazendo o curso superior em Salvador e eu a minha pós-graduação em "Crítica de Arte"), meu dilema era não querer hospedar-me em hotel. Teresina, cidade onde fizera tantas amizades, me ia parecer estranha, quando a ela voltasse por férias ou outro motivo. Hardi Filho e dona Adélia ofereceram sua residência, com dormida e alimentação da melhor, não apenas a mim e dona Mécia, mas para qualquer dos meus filhos que aqui viessem. Este é um exemplo vivo, irrefutável. Na nossa família, o favor tinha o gosto do provérbio de que *"vinhos e amigos, quanto mais velhos melhores"*. Mas sei de tantas outras pessoas por eles recebidas de muito bom grado, mesmo não parentes, não por uns dias ou meses, por muito mais. Não caberia, neste espaço enumera-los e indicá-los pelo nome, se lembrasse. Também sobressaem as viagens domingueiras ao balneário "Roncador", no Maranhão, onde passávamos o dia com nossos filhos, tomando banho, almoçando, conversando e tirando fotos. Ainda de manhã e a volta à tarde era sempre no mesmo transporte: o velho e saudoso jeep do Hardi. Outras tantas vezes ele nos levou ao Parque Nacional das Sete Cidades, visto que Hardi Filho era funcionário do IBDF, por cuja repartição pública federal aposentou-se. Mas a maioria dos nossos encontros ficou por conta dos movimentos literários, primeiramente do CLIP; depois, da UBE. O velho Círculo Literário


Divulgação

Hardi Filho

Piauiense já completa 50 anos hoje. Ele já existia a partir de 1964, quando nós, os "três mosqueteiros", por coincidência ou não, armamos a amizade e a luta: Hardi, Chico Miguel e Herculano, já poetas de livros publicados ou procurando fazê-lo. Tarciso Prado é culpado de tudo isto: ele me apresentou ao Hardi Filho e ao Herculano Morais. E continuamos na amizade e no gosto literário de diversas facetas, nas conversas sobre a vida, a literatura, as artes e a filosofia, não obstante os percalços do golpe militar de 1964. Como já foi dito noutras partes, o CLIP não tinha sede e reunia-se inicialmente na casa do Herculano Morais, e muito mais na casa do Hardi Filho e sua esposa, dona Adélia, que patrocinavam a bolacha, o café e o gosto de estarmos em família. O que há de notar-se é que nunca, nestes anos todos, houve "diferenças" na família - toda amiga - nem desavenças entre nós, embora sejamos bastante diferentes em pessoa e na poesia. Finalizo, por falta de espaço para dizer tudo, escolhendo uma frase que o próprio Hardi Filho diz em determinadas ocasiões: *"Eu não sirvo de exemplo pra ninguém"*. Que humildade, amigo! Você é um exemplo de grande poeta, um dos maiores entre o que estão vivos e produzindo, no Piauí. Exemplo de pai, de esposo e de amigo, meu irmão! Gracias!

Francisco Miguel de Moura é escritor, poeta, membro da Academia Piauiense de Letras e do Circulo Literário Piauiense.

Homenagem aos Editores do LV

Adriano e Rosani na Livraria Teixeira

Linguagem Viva completará em setembro 25 anos de circulação ininterrupta. Homenagens aos editores do jornal já estão sendo programadas.

Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal serão homenageados pelo Sarau Literário Piracicabano, no dia 15 de julho, terça-feira, às 19h30, no Museu Histórico Pedagógico Prudente de Moraes, Rua Santo Antônio, 641, Centro de Piracicaba. O Sarau é coordenado por Ana Marly de Oliveira Jacobino.

O Clip - Centro Literário de Piracicaba prestará homenagem a Adriano Nogueira na próxima reunião, dia 26 de julho, sábado, das 15 às 17 horas, na Biblioteca Municipal de Piracicaba. Estão progrmadas leituras de textos do homenageado e a intervenção de membros do Clip e de Rosani Abou Adal que falarão sobre a vida e obra de Adriano Nogueira.

No mês de setembro serão programados eventos em comemoração ao aniversário de 25 anos de fundação do jornal, em São Paulo e Piracicaba.

Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R$ 70,00

Assinatura Semestral: R$ 35,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Depósito: Banco Itaú - Rosani Abou Adal ME - agência: 0211- conta: 67518-6 - CNPJ: 61.831.012/0001-52

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902 São Paulo - SP - 03062-000 - Tel.: **(11) 2693-0392**

Cel.: 97358-6255 - linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade mensal - **Site: www.linguagemviva.com.br**

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – **Telefax: (11) 2693-0392**

CGC: 61.831.012/0001-52 – CCM: 9896474 – I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana* distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*

R Tiradentes, 347 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Do Título

Caio Porfírio Carneiro

Quando escrevi o romance *O sal da terra*, tema que aborda a vida dura e sofrida dos tarefeiros das salinas dos subúrbios de Fortaleza, hoje desaparecidas, permanecendo as grandes salinas do Rio Grande do Norte, intitulei o meu trabalho, difícil de realizá-lo, de *Sal verde*, porque assim chamavam o sal que estava sendo apurado nos cristalizadores. Ou seja: estava *verde* ainda e não *maduro* para ser recolhido. Tal fruta verde e fruta madura.

A Editora Civilização Brasileira, que o aprovou e lançou, sugeriu que eu mudasse o título, porque *Sal verde* era um tanto poético e se tratava de tema áspero e doído. Não encontrei outro. O escritor Luiz Toledo Machado, então vice-presidente da União Brasileira de Escritores, sugeriu-me o título um tanto bíblico de *O sal da terra*. Aceitei-o porque eu não saí da enrascada e o *verde* me perseguia. A editora concordou. Tirou uma bela edição de quatro mil exemplares, o meu saudoso amigo escritor João Antônio fez as orelhas e — desculpem — o livro "estourou" em venda e comentários favoráveis. Mas dentro de mim permanecia, espicaçando-me, o *Sal verde*, porque eu via, para além do título, o "demônio branco" nascendo e martirizando tanta gente com o cloreto de sódio.

Conteiisso ao Renzo Mazzone, recentemente falecido, poeta e dono da Editora I.L.A. Palma, de Palermo, que lançou o livro em italiano. Ele, que traduziu tantos poetas e escritores brasileiros, vinha muito ao Brasil e ligou-se à União Brasileira de Escritores, pensou no que eu disse, pensou, pensou, coçou o queixo, apontou-me o indicador em riste e decidiu:

- Pois em italiano o título do seuromance será *Sale verde della terra*.

Alcançou o título exato, que descia fundo o mundo brancosalineiro: *Sal verde da terra*. Comovi-me. E com este título foi lançado, na Itália, em bela edição.

No Brasil, novas edições se sucederam: duas seguidas pela Editora Ática, e a quarta, com capa expressiva e excelente divulgação, pela Editora LetraSelvagem, do escritor Nicodemos Sena, sediada em Taubaté, São Paulo. O livro chegou, emresumo, ao árabe. Todos como título original — O sal da terra. Foi tema de estudo em Boulogne e traduzido para o francês, mas ainda não publicado. Duas adaptações para o cinema e não filmado, por vários motivos, particularmente o financeiro. Nesse caminhar tortuoso segue o livro, sempre com título original de *O sal da terra*.

Vendo aqui, à minha frente, um exemplar da edição LetraSelvagem, sindto saudade do que me disse, dedo em riste, o saudoso editor italiano Renzo Mazzone: "O título é *Sale verde della terra*" Ou seja: *Sal verde da terra*. Encolho os ombros. Fazer o quê? Um livro com dois títulos?

Vai, livro meu! Você continua *verde*, cumprindo o que afirmou Pedro aos Gálatas: "Tornei-me, porventura, vosso inimigo, por vos dizer a verdade?" e exclamava o negro Valério, o tarefeiro: "Salina é caiada como cemitério." E continua *maduro* aos que acolherem e acolhem favoravelmente.

Conforta.

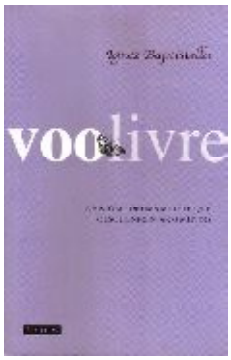
Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, historiador e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares - Digitação

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

Ignez Baptistella e seu voo da maturidade



Angelo Mendes Corrêa

Perto dos 50 anos, uma fazendeira do interior de São Paulo, com uma vida aparentemente estável e bem resolvida, rompe com um casamento de 27 anos que lhe trouxera seis filhos e parte para desbravar o mundo, não hesitando, embora nascida numa família abastada, em ganhar a vida como babá e cozinheira na Europa, onde permanece por uma década. É este, em linhas gerais, o eixo de "Voo livre", primeiro livro de Ignez Baptistella, que a fez nacionalmente conhecida e referência para muitas mulheres que se enxergam em sua corajosa saga por liberdade.

Angelo Mendes Corrêa: Por que escrever um livro de memórias? Ao escrevê-lo, houve algum receio de não ser compreendida pelas pessoas que nele figuram como personagens e estiveram ou estão intimamente ligadas à sua historia?

Ignez Baptistella: Eu não escrevi um livro de memórias e sim um depoimento dos motivos que me levaram a ser chamada de louca. Escrevi, para que depois da minha morte, meus filhos encontrassem o manuscrito e se inteirassem da história de sua mãe. Meus filhos nunca me questionaram nos meus nove anos e meio de ausência, pelo contrario, eles me respeitaram. Eu estive ausente, mas nunca distante. Era preciso dizer tudo sem esperar perdão ou compreensão. Ao escrever, eu abria a minha alma como se abre uma caixa de segredos, cada passagem que eu narrava era reviver o passado como se fosse ontem. Foi muito sofrido sentir as mesmas emoções, as lembranças, que tocadas, vertiam as lágrimas já choradas. Meu filho Eduardo pegou o cd com o texto e sem mesmo ler entregou ao jornalista Sérgio Kobayashi, dizendo a ele: "veja aí o que minha mãe escreveu". Dias depois, Sergio disse que tinha em mãos um diamante bruto, que precisava apenas polir para ter ser um grande livro.

AMC: A ruptura de um casamento aparentemente estável e consolidado, no universo conservador de uma pequena cidade do interior de São Paulo, teve um custo alto. Apesar dele, ao ler "Voo livre", fica a sensação de que valeu a pena bancá-lo. E isso mesmo? Faria tudo igual novamente?

IB: Tudo igual hoje? Eu não fiz nenhuma conta em valores materiais. Eu tinha saúde, era forte, ter que trabalhar não me alarmava, eu já trabalhava tanto. Tirei o avental para ser livre e nada mudou o meu projeto. Eu era um soldado indo para guerra, não para ser herói, apenas vencer, sem me importar com os custos. Bancar uma separação é morrer um pouco, é despir-se de toda vaidade, é não olhar pra trás, é lutar com determinação e persistência na busca de um novo caminho, sabendo que terá que desbravá-lo sozinha.

AMC: Avançamos muito nas questões de gênero nos últimos 50 anos, mas ainda somos um país machista e conservador no que se refere a padrões morais. A que atribui isso?

IB: Na questão da presumida superioridade masculina, em que imperam costumes, religião, raça e cultura. O homem ainda julga ocupar uma posição mais alta, acreditando, por exemplo, que pode trair e fica tudo bem. A mulher, no entanto, é apedrejada, mesmo que simbolicamente, como nos tempos da Idade Média, por qualquer eventual deslize.

AMC: Concorda com a ideia de que a mulher brasileira, em significativa parcela, também tem uma pratica e um discurso machistas?

IB: Sim. No entanto, a mulher tem provado ao mundo machista que ela é tão capaz quanto o homem de liderar em qualquer campo profissional, com uma aguçada inteligência e o sexto sentido que lhe são peculiares. Ao ocupar um alto posto de chefia, além de se equiparar ao homem por sua competência, tem a sensibilidade mais aguçada, o que a favorece em vários setores. Mais ainda, não podemos esquecer que a mulher tem sempre jornada dupla e muitas vezes tripla, pois ela é a responsável pela casa, filhos, marido e ainda trabalha, o que prova sua imensa força.

AMC: Comumente tendemos a absolver as relações extraconjugais dos homens e a incriminar as mulheres que as elas se entregam. A que creditar tal postura?

IB: Quando acontece um desvio conjugal, cabe ao homem tanto quanto à mulher ser honesto e abrir o jogo. Já dizia meu avô, cem anos atrás: "ninguém quer jantar outra vez se a refeição foi boa". Muitos casais vivem na hipocrisia e isso vem desde os tempos de Adão e Eva. Ou seja, o machismo é muito antigo e justamente por isso não vai acabar de uma hora para outra. Se o homem traiu é porque foi ludibriado, mas se a mulher faz a mesma coisa, ela não presta e é rechaçada pela sociedade. Será que a culpa é da maçã?

AMC: A subalternidade das mulheres tem forte origem religiosa, ligada que está aos mitos propagados por diferentes doutrinas. Concorda que no mais das vezes a religião aprisiona, quando deveria libertar?

IB: Discordo da ideia do "juntos até que a morte nos separe". Durante muito tempo, eu briguei comigo mesma, me questionei ajoelhada diante de Deus. Ser submissa, aceitar ordens, tem seus limites. A religião direciona o caminho, mas a escolha é nossa. Há religiões, as mais radicais, que colocam a mulher como subjugada pelo homem. Não acredito, por exemplo, que Deus aprovasse a ideia de uma mulher que fosse proibida de estudar e fosse humilhada por isso. O problema não é a religião, mas o homem que se faz passar por Deus.

AMC: Controle da natalidade, aborto e homossexualidade continuam, em nosso século, sendo tabus imensos, até em função da mitologia religiosa. Algum antídoto pra isso?

IB: "Cada cabeça uma sentença". Controle da natalidade deveria ser aceito como um processo sem restrições. É uma decisão séria a ser tomada pelo casal. Já o aborto, cabe à mulher a ultima palavra. Há casos especiais e únicos para dizer sim ou não a um aborto. Homossexualidade pode ter um componente genético ou mesmo uma busca emocional, independentemente de ser tabu. O mais importante é que cada pessoa possa decidir e assumir todas as conseqüências. Que atire a primeira pedra...

AMC: A leitura de "Voo Livre" permite-nos perceber que a pesar dos desajustes ainda visíveis entre homem e mulher em nosso país, no século XXI, as relações entre eles já foram bem piores, muito mais opressoras. Como era ser mulher meio século atrás?

IB: Ser mulher era copiar o modelo de nossas avós mães. Nelas eu me espelhava. Cuidar da casa e da família, sempre pronta para o marido, avental na cintura. Ter os filhos que Deus mandasse. Vaidade era um luxo desnecessário. A mulher não existia para si própria, sem direito a nada era completamente dependente do pai e depois do marido. Mas, o cenário foi mudando. Eu nasci à frente da minha época e por isso fui chamada de louca.

AMC: Em suas andanças pelo mundo (e foram muitas) o que mais lhe chamou atenção sobre o comportamento das mulheres? Que país destaca como mais avançado nas questões de gênero? E o que mais a chocou?

IB: As mulheres mais jovens dos países desenvolvidos, de um modo geral, são mais soltas, têm voz ativa, dizem o que querem e impõem suas decisões desmitificando o reinado dos homens. O que me admirou foi ver a presença da mulher ao lado de seu marido em todas as conversas sociais e financeiras. Não tem essa de em reuniões sociais as mulheres fazerem uma rodinha e os homens outra. Eu destaco a Inglaterra. O que realmente mais me chocou foi ver mulheres com burca. Eu me senti pequena diante de tamanha obediência.

AMC: Como vê o movimento feminista? Acha que o papel que tem a desempenhar ainda é extenso ou que seu discurso teria esgotado?

IB: O movimento feminista a meu ver perdeu o encanto com o passar dos anos. Isso se deu devido a algumas conquistas das mulheres. Porém, o discurso pelos direitos da mulher é sempre válido. O ideal seria não o querer andar na frente de um homem, mas a seu lado. Maior ideal ainda é que se sozinha for, que a mulher ande sempre com a cabeça erguida.

AMC: As estatísticas mostram que muitas mulheres continuam vítimas de violência conjugal e por vergonha ou medo não denunciam seus maridos, até porque a estrutura do estado para defendê-las é precária e caro é o acesso a advogados. Não faz muito tempo, muitos assassinos de mulheres eram absolvidos em nome da legitima defesa de honra. Que saídas vê para isso?

IB: Difícil! A mulher tem que sair do casulo, desabrochar, encontrar em si mesma motivação para não depender do homem e ser completa. Há um ditado que diz "numa mulher não se bate nem com uma flor". O cumprimento das leis em defesa da mulher deveria ser mais atuante. O assunto é muito complexo, ficaríamos horas dialogando. Da opinião é fácil, difícil é estar no lugar daquela mulher que tem filhos, que já teve pais castradores, que não teve acesso à educação, que não tem como se sustentar.

AMC: Novos projetos de livros? As vésperas dos 84 anos, algum sonho ainda não realizado?

IB: Sim, estou escrevendo outro livro. O meu lado professora e o convívio com os alunos, aos poucos compõem suas páginas. Não há mais tempo para sonhar e sim recordar. Hoje sou uma mulher feliz, conquistei meu lugar a duras penas, valeram todas as batalhas, as feridas estão cicatrizadas e o coração está inteiro.

Angelo Mendes Corrêa é Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo-USP.

LINGUAGEM VIVA

Esther de Figueiredo Ferraz, pioneiríssima

Gabriel Kwak

Uma educadora nata. Talvez essa seja a qualificação mais certeira a atribuir à professora e jurista Esther Figueiredo Ferraz (1915-2008). Além de seu legado na pedagogia, a trajetória de Esther ilustra as conquistas da mulher na sociedade no século XX, já que foi a primeira mulher ministra de Estado da história da República, a primeira reitora de Universidade da América Latina e a primeira professora da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Quando do seu falecimento em 2008, amigos e colegas da família jurídica prestaram seu tributo à sua acentuada cultura humanística, à sua robusta erudição filosófica e ao fato de ter sido uma das maiores criminalistas de seu tempo. Homenagearam seu equilíbrio, sua generosidade, sua elegância, sua modéstia. Era doce, mas perfeccionista, discreta e revelava impressionante capacidade de trabalho.

Nascida em São Paulo em 06 de fevereiro de 1915 e tendo vivido a infância em Mococa (SP), iniciou seu magistério no Grupo Escolar Paulo Eiró, no bairro paulistano de Santo Amaro, alfabetizando crianças da primeira série. Depois, foi professora do Curso Normal do Instituto de Educação Caetano de Campos.

Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em 1945, também colou grau em Filosofia na Faculdade de São Bento. No curso jurídico, destacou-se como primeira da classe em todas as disciplinas.

Esther, a voz e a vez da mulher - Para puxar a fileira dos seus pioneirismos, vencendo preconceitos, a professora, Teté para os íntimos, foi a primeira mulher a ocupar o Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, seccional São Paulo, em 1949.

Livre-docente de Direito Penal pela Universidade de São Paulo por concurso de provas e títulos, na sua primeira aula, para sua surpresa, a nova professora das Arcadas foi ovacionada quando entrou na sala. Temia encontrar resistências. Na mesa, a esperava uma maçã, com um bilhete escrito "*an apple for the teacher*".

Esther de Figueiredo Ferraz foi uma das artífices da modernização da legislação penal e civil enquanto integrante da Comissão de Reorganização Penitenciária de São Paulo, que levou adiante a implantação dos Institutos Penais Agrícolas e da Casa de Custódia.

Rompeu tabus ao abraçar nos anos 50 a advocacia criminal, um *metier* predominantemente masculino. Protagonizou defesas empolgantes no tribunal do júri, produzindo provas e amparando seus clientes. Advogou até quando sua saúde permitiu. Comentava que em nenhum lugar do mundo se sentia tão à vontade quanto em seu escritório, na Praça João Mendes.

Defendeu na Justiça, por exemplo, o ex-governador Adhemar de Barros processado em virtude dos escândalos do roubo de uma urna marajoara e do desvio dos Chevrolets e dos "caminhões da Força Pública".

Numa de suas obras, Esther de Figueiredo Ferraz ocupou-se meticulosamente do tema da exploração da prostituição, examinando com lupa as causas e efeitos do meretrício, que considerava uma "forma remanescente de escravatura feminina." Igualmente imperecíveis são suas lições e teses relativas à individualização administrativa das penas.

Clássico do Direito Penal é seu livro dedicado à codelinquência. "A questão da codelinquência, na verdade, evoluíra com o surgimento de novas formas, entre as quais as dos delitos societários e a proliferação de situações anômalas, de difícil enquadramento, que constituíam novidades a serem apreciadas nessa revisão dos antigos estudos. O tratamento atualizado do tema concedeu a esse estudo um renovado valor e utilidade que perduram na Doutrina Penal brasileira da atualidade, transformando-o num clássico de referência obrigatória na Área Jurídica e acadêmica", avalia a professora titular de Direito Penal da Faculdade de Direito da USP, Ivette Senise Ferreira.

A partir de 1961, lecionou Direito Judiciário Penal na Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie. Em 1965, foi elevada a reitora dessa Universidade. Nessa condição, vivenciou a conjuntura de radicalização, em outubro de 1968, com o confronto entre estudantes de Filosofia da USP e os do Mackenzie na Rua Maria Antônia. Na administração da Universidade deu o melhor de si.

Ensinou Direito Judiciário Penal também na Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo e em cursos de especialização na USP.

Integrou o Conselho Estadual de Educação de 1963 a 1964 e foi conselheira do Conselho Federal de Educação (hoje Conselho Nacional de Educação) de 1969 a 1982. Naquele colegiado, em muitos dos pareceres que apresentou ofereceu soluções sábias para problemas que desafiavam os conselheiros.

O magistério no DNA de Esther – Esther de Figueiredo Ferraz assumiu a Secretaria Estadual da Educação em 1971, no governo Laudo Natel. Deixou o cargo em solidariedade a seu irmão, o engenheiro José Carlos Figueiredo Ferraz, demitido pelo governador Natel do cargo de prefeito de São Paulo. Após o gesto, declarou ao jornal *O Estado de S.Paulo*: "Deixar um cargo bem e com dignidade é também uma forma de educar. Nós, professores, devemos educar pelo que fazemos e pelo que dizemos, mas muito mais pelo que fazemos do que pelo que dizemos. Entendo que, no momento, minha saída se impõe."

Acreditava que cabia à educação, como pressuposto da liberdade, formar democratas.

Era uma entusiasta da juventude. Disse, certa vez: "Apaixonei-me, assim, pela educação e em consequência, pelo educando, fazendo-me cada vez mais atenta à necessidade de se dar a todos mais e melhor educação, e dispondo-me, também, cada vez mais, a me inclinar, pressurosa, em direção ao aluno, tentando penetrar-lhe a intimidade da alma, não por curiosidade, ainda que científica, mas por melhor conhecê-lo, assisti-lo, defendê-lo, amá-lo e em última análise, tentar promover-lhe a felicidade, que todo homem, desde o mais simples filho de Deus, tem direito a ser feliz."

Mas apesar de reconhecer algumas deficiências no ensino não vacilava no seu otimismo quanto ao futuro da educação. A professora defendia a redefinição da missão da Universidade para que haja maior interação com a sociedade e para preparar os universitários para os desafios do século XXI. Para ela, a educação era a "arma de combate à criminalidade".

Em seu livro *Alternativas da Educação* (1976), dedicado ao estudo do ensino superior brasileiro, submeteu a realidade educacional a verdadeira radiografia. Nesta obra, também esmiuçou os ensinos de primeiro e segundo grau, a pós-graduação e a problemática das bolsas de estudo reembolsáveis. Como pesquisadora e gestora, sempre se preocupou com o problema do financiamento do sistema de ensino.

Para satisfação do movimento feminino, a professora se surpreendeu ao ser convidada em 1982 pelo presidente João Figueiredo a assumir o Ministério da Educação, em que permaneceu até 1985. A primeira ministra do Brasil.

Na sua gestão, foi decisiva para a regulamentação da Emenda Calmon, que pela primeira vez estipulou percentuais mínimos obrigatórios para investir na educação recursos provenientes dos impostos, um verdadeiro marco na história educacional do Brasil. Como ministra, foi uma aliada da implantação de escolas técnicas em âmbito federal. Também foi responsável pelo aprimoramento dos planos de carreira para os professores.

Diante da greve de uma universidade pela não liberação de uma verba prevista no Orçamento, pediu que sua chefe de gabinete agendasse uma reunião com o ministro da Fazenda, prometendo: "Ou volto com a verba ou não volto ministra."

Ao transmitir o cargo a seu sucessor no Ministério, Marco Maciel, despediu-se com estas palavras:

"A esta altura da vida, ingressando - não há como impedi-lo - em sua última quadra, passo a captar, mais e melhor do que nunca, o íntimo segredo das palavras de Sócrates quando, instado a se definir acerca dos conceitos de justiça e de injustiça, respondeu sabiamente, antecipando-se de alguns séculos ao ensinamento de Cristo: se tivesse de optar entre sofrer uma injustiça ou praticá-la, eu preferiria sofrê-la. Não quero ser injusta: obrigada, assim, indistintamente, a todos quantos comigo trabalharam durante os dois anos e meio que permaneci nesta Casa. Anos de tensão, de luta e mesmo de algum sofrimento, sim, mas que valeu a pena haverem sido vividos".

Em 16 de outubro de 1999, recebeu o *Prêmio Professor Emérito – Troféu Guerreiro da Educação*, concedido pelo jornal *O Estado de S.Paulo* e pelo Centro de Integração Empresa-Escola

LIVRARIA BRANDÃO

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.brandaojrestantevirtual.com.br

a personalidades que se destacaram na educação. Antes, em 1993, foi condecorada com o Colar de Mérito Judiciário, concedido pelo Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

"Especialista em especialidades" – A jurista escreveu *Os Delitos Qualificados pelo Resultado*, *A Co-Delinquência no Direito Penal Brasileiro*, *O Perdão Judicial*, *O Menor e os Direitos Humanos*, *Prostituição e Criminalidade Feminina*, *Caminhos Percorridos*, *A Filosofia de João Mendes Jr.*, *Mulheres Frequentemente*, e *Falas de Ontem e Hoje*. Seus trabalhos de feição literária abriram-lhe as portas da Academia Paulista de Letras, para a qual foi eleita para a cadeira nº 36. Mesmo com a idade avançada e com a capacidade auditiva um pouco comprometida, não costumava faltar às reuniões da Academia, onde estreitou seu convívio com VIPs da nossa literatura e intelectualidade, como Lygia Fagundes Telles, Paulo Bomfim, Miguel Reale, João de Scantimburgo e Marcos Rey. Publicou dezenas e dezenas de conferências, razões forenses, monografias, artigos e ensaios, e cuidava escrupulosamente do acabamento dos seus textos.

"Esther era querida amiga. De minha mulher, Ruth, e minha. Na Academia, nos jantares de fim de ano, fazia questão de ficar em nossa mesa. Lembro-me que, durante minha presidência na Academia Paulista de Letras, fazia questão, com Miguel Reale, de não faltar às sessões, sempre com ponderações profundas e pertinentes sobre os assuntos tratados", lembra o jurista e "imortal" da APL, Ives Gandra Martins, amigo de Esther de mais de 30 anos. Durante anos, Ives teve escritório no mesmo edifício em que a amiga Esther mantinha o seu e ainda prefaciou o livro da professora intitulado *Falas de Ontem e Hoje* (2000). Na apresentação, Ives Gandra assinalou: "Esther é autora que invade, com inteligência e perspicácia, os mais variados campos das ciências sociais. É jurista, filósofa, poeta, socióloga e política, sempre atuando com rara propriedade. É uma 'especialista em especialidades', como o eram os grandes humanistas do passado."

Esther manteve-se solteira a vida toda. Costumava justificar sua solteirice renitente, dizendo: "Casar é melhor do que não casar, mas é melhor não casar do que casar mal."

Tinha o piano como distração. Gostava, ainda, de recepcionar os amigos e sobrinhos (que encarava como filhos) para almoços e jantares, ocasião em que os companheiros saboreavam suas receitas de cozinheira de forno e fogão.

"No fim da vida, repetidas vezes, referiu-se a uma obra que estava preparando, à guisa de compêndio do que produzira. Mas, em função da idade e da doença que a acometeu no fim da vida, não pôde concluí-la", recorda Ives Gandra.

Esther faleceu em 23 de setembro de 2008, aos 93 anos, em decorrência de um AVC e do Mal de Alzheimer. Talvez sua página mais terna, seu ensinamento mais expressivo tenha sido sua profissão de fé na advocacia, praticamente uma declaração de amor à nem sempre compreensível relação advogado-cliente. Vejam:

"Entra-me pela porta do escritório um homem cujo nome, idade, profissão, condição social, vida pregressa, ignoro completamente. Também para ele sou uma desconhecida; exceção feita a meu nome e a meu título profissional, não sabe quem eu seja na realidade: qual minha exata maneira de pensar, de sentir, quais meus antecedentes pessoais e familiares, se estou ou não em condições de o comprometer ou ajudar. No entanto, essa criatura cuja própria existência física eu ignorava momentos atrás, a um simples gesto meu autorizando-o a falar, se põe a narrar-me minudentemente sua vida, confessando-me o que jamais ousaria confessar ao pai, à esposa, a um padre ou mesmo a si próprio. Desnuda-me a alma, mostrando-me em toda sua miséria, sem me esconder uma ferida, uma chaga, um carcinoma. Leva-me até a intimidade de sua alcova e me permite defrontar o segredo de seu fracasso matrimonial. Ou então, cabeça baixa e olhar esquivo, explica-me como furtou, como falsificou um cheque, como se deixou corromper no exercício de função pública, como e onde escondeu o produto do crime. Outras vezes, enfim, afirma-se vítima de injusta acusação, revelando o temor de não poder provar convincentemente sua inocência posta em dúvida. E em todos esses casos exibe as provas que lhe socorrem ou lhe comprometem o direito, que o incriminam ou lhe amparam a absolvição. Sabe – embora não me conheça – que, ainda que eu não lhe aceite a causa, jamais usarei dessas informações em seu prejuízo. Fornece-me documentos preciosos e únicos que são a chave de sua defesa ou que, ao contrário, constituem a prova material de sua culpa. Confia-nos sem mesmo exigir um recibo , e tem a certeza – sempre sem me conhecer – de que nem por todo o ouro do mundo eu os sonegaria ou os deixaria cair em mãos da parte adversa.

Encerra-se a entrevista e, pela porta do escritório, sai um homem que para mim já não é mais um estranho. Eu, ao contrário, continuo a ser para ele o mesmo enigma inicial. Ainda não sabe quem eu seja na realidade: qual minha exata maneira de pensar, de agir, de sentir, quais meus antecedentes pessoais e familiares, se estou ou não realmente, em condições de ajudá-lo. Mas de uma coisa está certo: não o trairei. Tem a absoluta e sólida convicção de que aquela desconhecida que ficou para trás – depositária do seu segredo, senhora do seu destino e de sua felicidade – de agora em diante preferirá sacrificar-se a sacrificá-lo, deixar-se-á, se necessário, matar, mas não permitirá que um só ato seu desmereça a confiança com que a honrou o desconhecido de minutos atrás.

Bastariam esses poucos minutos – essa poeira de tempo escoada entre o abrir e o fechar de uma porta – para nos convencer de toda a beleza e grandeza da profissão de advogado. A homenagem que a cada um de nós e, conseqüentemente, à carreira que abraçamos, presta cada cliente que nos entrega o patrocínio de uma causa é tão eloquente que bem se compreende o alcance da expressão de Voltaire quando, referindo-se a sua verdadeira tendência vocacional, suspirou: "Eu quisera ter sido advogado, é a mais bela profissão deste mundo"

Não importa que os profissionais de outro ofício injustamente nos representem, como diz Henri Robert 'sob a figura de insuportáveis falastrões, intrigantes, amantes da chicana, das fraudes, das demandas, hábeis em defender todas as causas, pleiteando o reconhecimento da inocência mesmo quando convencidos da culpabilidade dos clientes'. Ou que o público leigo veja em nossa carreira a 'arte de legalizar a fraude', ou a 'defesa sofista do que é torto'. Que os demais membros da família judiciária às vezes subestimem a importância de nossa contribuição, seja ao desenvolvimento do Direito, seja à própria obra da distribuição da Justiça. Pouco importa, enfim, que o cliente, uma vez servido, num gesto de ingratidão que já não nos surpreende mas ainda nos consegue ferir, nos vire as costas e nos atire pedras, atribuindo a outros fatores – ao seu bom direito, à ciência e à superioridade dos juízes, ao desleixo da parte contrária – o êxito da causa por nós patrocinada. Tudo isso nada significa. Enquanto houver sobre a face da terra o gesto incessantemente renovado de um homem que bate à porta de um desconhecido e lhe confia a defesa de sua liberdade, de sua honra, de sua família, de seu patrimônio, bens supremos que constituem a razão de ser de nossa existência, estará sendo feita a apologia da profissão de advogado".

divulgação

Esther de Figueiredo Ferraz

Gabriel Kwak é jornalista, escritor e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão.

Débora Novaes de Castro

Poemas: *GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO – COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...*

Antologias:

Poemas: *II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA*

Trovas: *II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS*

Haicais: *II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL*

Haicais: *SOPRAR DAS AREIAS - ALJÒFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS -100 HAICAIS BRASILEIROS*

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Opções de compra: *Livraria virtual* ***TodaCultura:*** www.todacultura.com.br via telefax: (11)5031-5463 - E-mail:debora_nc@uol.com.br - Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

FERTILIDADE

Rosani Abou Adal

Caminho entre acácias, papiros,
ébanos orientais, ciprestes e alfarrobeiras.
Admiro a beleza dos falcões, águias,
cotovias e poupas.
Percorro o leito do Nilo
montada em meu camelo alado
em busca de fertilidade,
não é época das cheias.
Minha taça está vazia,
preciso receber para dar,
sem trocas não semeio tâmaras.
Voamos até às pirâmides de Gizeh.
Nos túmulos de Queóps, Quéfren e Miquerinos
não encontramos a taça para me conceber.
Ela está distante das belezas de Imhotep.
Procuro o objeto de ouro
nas ruínas de Mênfis, no Colosso de Mêmnon
e continuo de mãos abanando
sem dividir, multiplicar, subtrair e somar.
Monto novamente no animal beduíno,
minha taça ferve com o sol quente do deserto.
Tenho miragens, tenho sede
e não tenho água para beber.
Mato minha sede no oásis.
Estou perto de fragilidade
e não alcanço a fertilidade.
sou uma escrava carregando pedras,
construindo tumbas e túmulos.
Estou delirando com a miragem.
Parto com meu corcunda para
a terra dos cedros, pinheiros e carvalhos
com destino à bacia do Eufrates.
Eu e meu camelo alado,
cansados e frágeis de procurar,
avistamos-te nos Montes Líbanos.
Estavas a me esperar
segurando firme nas mãos
a taça transbordando fertilidade.
Colhemos frutos e semeamos tâmaras.

FERTILITÉ

Versão francesa de **Genésio Cândido Pereira Filho**

Je marche parmi des acacias, papyrus,
ébènes orientales, cyprès et caroubiers.
J´admire la beauté des faucons, aigles,
alouettes et huppes.
Je parcours le lit du Nil
montée sur mon chameau ailé
à la recherche de fertilité,
il n ést pas époque des inondations.
Ma coupe est vide,
j´ai besoin de recevoir pour donner,
sans échanges je ne sème pas des dattes.
Nous volons jusqu´ à les pyramides de Gizèh.
Dans les tombeaux de Quéops, Quéfren et Miquerinos
on ne trouve pas la coupe pour me concevoir.
Elle est loin des beautés de Imhotep.
Je cherche l´objet d´or
dans les ruines de Mênfis, dans le Colosse de Memnon
et je continue avec les mains branlantes
sans diviser, multiplier, soustraire et sommer.
Je monte de nouveau sur l´animal bédouine,
ma coupe bout avec le soleil chaud du désert
J´ai de mirages, j´ái soife
et je n´ai pas de l´eau pour boire.
Je tue ma soif dans l´oasis.
Je suis prochaine de fragilité
et je n´atteindre la fertilité.
je suis une esclave en chargeand de pierres,
en construiand des tumulus et des tombeaux
Je délire avec le mirage.
Je pars avec mon bossu pour
la terre des cèdres, pins et chênes
avec destin à la bassin du Eufrates.
Moi et mon chameau ailé
fatigués et fragiles de chercher,
nous voyons toi dans les Montes Libans.
Tu m´attendrais
en ténant firme dans les mains
la coupe débordante de fertilité.
Nous cueillons des fruits et semeons des dattes.

Rosani Abou Adal é jornalista, publicitária, escritora, poeta e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo.

Genésio Cândido Pereira Filho é escritor, advogado, jornalista, historiador e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Desenho de Xavier, publicado no livro *Catedral do Silêncio*, de Rosani Abou Adal (1996, Scortecci Editora, São Paulo). Xavier é desenhista, caricaturista, ilustrador e artista plástico. Atua na área de comunicação visual, cenários de peças, figurinos, capas e ilustrações para livros poéticos e didáticos, projetos gráficos e pintura em telas. www.xavi.com.br

N É V O A

Beatriz H. R. Amaral

a essência da fruta
tingindo o navio
o convés

fragmentos de pólen
dublagem de frases
flashes faces fases

apressada
como um filme
sem imagem

guardei o silêncio
de cada palavra

Beatriz H. R. Amaral é escritora, poeta, advogada, musicista e Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP (2005).

CAJADO

Raquel Naveira

Santos e profetas
Apóiam-se em cajados,
Longas varas recurvadas na ponta,
Pontos de apoio
E de poder.

O cajado sustenta o corpo,
Asa presa ao chão
Por imã.

Os cajados,
Galhos secos,
Bordões retorcidos,
Podem dar frutos e flores
Quando seguros pelos poetas.

Raquel Naveira é professora, escritora, Mestre em Comunicação e Letras e membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e do PEN Clube.

Erramos: *Então Vamos Prosear*, publicado na edição nº 298, junho de 2014, L.V., não é de Hilda Gouveia. É de Hilda Mendonça, escritora e membro fundador da Academia Taguatinguense de Letras (DF) e da Associação dos Escritores de Passos e região.

JOÃO BARCELLOS entre a história e a tecnologia

Mariana d´Almeida y Pinõn

Com as pesquisas acerca das "gentes de serr´acima" (leia-se, que subiram a serra de Paranapiacaba pelo do Piabiyu litorâneo) para compor o livro "Caucaia do Alto" e a compilação de palestras e pesquisas tecnológicas para o livro "Alquimia, Moda & Comunicação Visual", João Barcellos atingiu um nível de conhecimentos e um currículo literário que o colocam como mestre de saberes, além de ser há muito tempo, e desde os seus tempos de parceria com o poeta Francisco Igreja, no Rio de Janeiro, uma "referência entre a intelectualidade alternativa, livre de preconceitos mercantis", como dele dizia Aziz Ab´Sáber.

"João Barcellos mergulhou na metropolitana São Paulo fazendo dela um templo de pesquisas em poesia e em história, sem esquecer os meandros tecnológicos dos quais é oriundo", anotou Tereza de Oliveira, sua companheira na formação do Grupo Granja, hoje denominado Grupo de Debates Noética (noetica.com.br). O livro "Alquimia, Moda & Comunicação Visual" (de 2014, com lançamento em Blumenau, Santa Catarina) serviu-me de base para montar uma sequência de aulas para as minhas classes em Paris, da mesma maneira que o livro "Do Fabuloso Araçoiaba Ao Brasil Industrial" permitiu-me demonstrar a face verdadeira da história luso-americana a intelectuais franceses. Isto mostra a importância do trabalho intelectual de João Barcellos que, a cada conferência, surge com novas revelações.

Mariana d´Almeida y Pinõn – MAyP é professora de Artes Visuais / Paris-Fr.

LINGUAGEM VIVA
www.linguagemviva.com.br
Consulte nossa tabela de preços
Linguagemviva@linguagemviva.com.br
Tel.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Livros

O Mel de Ocara - Ler, viajar, comer, de Ignácio de Loyola Brandão, Global Editora, 232 páginas, São Paulo. ISBN: 978-85-260-1890-7.

O autor é jornalista, escritor, romancista, contista e cronista.

A obra reúne crônicas que mostram o rico campo da múltipla cultura brasileiras, suas realidades e diferenças. Os textos foram escritos, no ano passado, quando Loyola percorreu 46 cidades brasileiras e traduzem sua impressão da viagem.

Global Editora: www.globaleditora.com.br

Poesia do Brasil, antologia poética, coordenada por Ademir Antonio Bacca e Cláudia Gonçalves, Proyecto Cultural Sur Brasil, volume 17, Bento Gonçalves, RS, 420 páginas.

A obra é a antologia oficial do XXI Congresso Brasileiro de Poesia, que foi realizado em Bento Gonçalves (RS) de 30 de setembro a 5 de novembro de 2013. A poeta homenageada do evento foi Marina Colasanti.

Proyecto Cultural Sur/Brasil: adebach@gmail.com - Caixa Postal 41 - Bento Gonçalves - RS - 95700-000.

Efêmera, poemas de Isabel Cintra Nepomuceno, Escrituras Editora, São Paulo, 150 páginas. **ISBN:** 9788575315262.

A autora é poeta, administradora e professora de inglês e francês.

Segundo Raquel Naveira, "Em Efêmera, além das intertextualidades eruditas, a poeta utiliza antíteses, cadeias de paradoxos para expressar a tragédia do desencontro: *Tomei veneno/mas você me depurou/Cortei os pulsos/mas você a dor estancou*."

Escrituras: www.escrituras.com.br

Indicador Profissional

Genésio Pereira Filho
Advogado
Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

Claudio Willer

Notícias

Claudio Willer lançou *Os rebeldes: geração beat e anarquismo místico,* ensaio, pela L&PM Editores, na Livraria Martins Fontes Paulista, em São Paulo. A obra aborda a dimensão mística e revela a história de personagens-personalidades da geração beat. O movimento, comandado por um grupo de poetas e escritores ditos marginais surgido nos EUA da década de 1950, rejeitou os padrões burgueses – artísticos e comportamentais – do american way of life pós-Segunda Guerra Mundial. claudiowiller.wordpress.com

Ivan Junqueira, poeta, jornalista, tradutor e membro da Academia Brasileira de Letras, faleceu no dia 3 de julho, vítima de insuficiência respiratória, no Hospital Pró-Cardiaco, no Rio de Janeiro. Nasceu no dia 3 de novembro de 1934, no Rio de Janeiro. Exerceu os cargos de presidente da Academia Brasileira de Letras, de editor executivo da revista *Poesia Sempre*, da Fundação Biblioteca Nacional. Foi agraciado com a *Medalha de Richelieu* da Académie Française, em 2005. Seus poemas foram traduzidos para o espanhol, alemão, francês, inglês, italiano, dinamarquês, russo, turco, búlgaro, esloveno, provençal, croata e chinês.

O Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra, agraciou Vamireh Chacon, cientista político, pesquisador e professor pernambucano, com a importância de R$ 100 mil. A láurea será entregue no dia 17 de julho, no Salão Nobre do Petit Trianon da Academia, no Rio de Janeiro. Gabriel Nascente foi o vencedor na categoria Poesia, pelo livro *A biografia da cinza*; em Ficção (Romance, Teatro e Conto), Luiz Vilela, *Você verá*; Ensaio e Crítica Literária, João Cezar de Castro Rocha, *Machado de Assis: por uma poética da emulação*; Literatura infantojuvenil, Tatiana Salem Levy, por *Tanto mar* e Mirna Pinsky, por *Um menino, sua amiga, um fichário e dois preás*; Tradução, Safa Jubran, *E nós cobrimos seus olhos*; História e Ciências Sociais, Lília Moritz Schwarcz, *Batalha do Avaí*; Cinema, dividido entre Matthew Chapman e Julie Sayres, pelo roteiro do filme *Flores Raras*, dirigido por Bruno Barreto.

Roberto Parmeggiani lançou *Lição das Árvores*, com ilustrações de Attilio Palumbo, pela Editora DSOP. O livro recebeu o selo *Melhores Livros* da CRESCER.

Alberto da Costa e Silva organizou *Livro dos Ex-libris*, pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo em coedição com a Academia Brasileira de Letras. A obra apresenta reproduções fac-similares completa da coleção de ex-líbris do Barão, da coleção da Academia Brasileira de Letras, além de ex-líbris selecionados de três grandes coleções nacionais, pertencentes a Paulo Bodmer, Santos Sobrinho e Luiz Felipe Stelling.

Eduardo Coutinho, documentarista e cineasta que faleceu em 2 de fevereiro de 2014, será homenageado pelo Oficina Literária da Flip, na Festa Literária Internacional de Paraty.

Homero: uma aventura mitológica, de Luiz Antonio Aguiar, selo Galera, foi lançado pelo Grupo Editorial Record.

O 5º Congresso Internacional CBL do Livro Digital será realizado de 21 e 22 de agosto, no Auditório Elis Regina - Palácio das Convenções do Anhembi, Av. Olavo Fontoura, 1209, em São Paulo.

Os Editais do Ministério da Cultura estão disponíveis em http://www.cultura.gov.br/editais. Saíram os resultados de três editais da Diretoria de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas e de Apoio ao Circuito de Feiras de Livros e Eventos Literários.

O Observatório da Língua Portuguesa e o Legis-PALOP, base de dados jurídica oficial dos PALOP, celebram, no dia 8 de Julho, Protocolo de Cooperação ao abrigo do qual passam a apoiar-se mutuamente em ações de divulgação e atividades destinadas a promover a língua portuguesa e o acesso a fontes de informação jurídica em português (legislação, jurisprudência e doutrina dos PALOP). http://observatorio-lp.sapo.pt

Gramática da Língua Portuguesa Padrão: com Comentários e Exemplários, de Amini Boainain Hauy, foi lançada pela Editora Edusp (Coleção Didática). A autora é mestra e doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

Simples Cidade, peça baseada em crônicas e poemas de Guilherme de Almeida, está em cartaz aos sábados até o dia 2 de agosto, às 17 horas, na Casa Guilherme de Almeida. A entrada é gratuita. O elenco é composto por Letícia Tomazella e Marcos Reis.

A Feira Literária Internacional de Paraty, que será realizada de 30 de julho a 3 de agosto em Paraty (RJ), contará com as participações da Câmara Brasileira do Livro e do Senac.

Lóla Prata lançou *Entrelaços*, primeiro livro digital completo de trovas, publicado no sistema KINDLE. A obra reúne 94 trovas revisadas que podem ser baixadas no celular, computador e tablet, ao preço de um dólar e meio, em torno de R$ 3,00 reais, e pago no cartão. www.amazon.com/dp/B00KH7ATXY

Ubiraci Dantas, José Francisco, Guto Camargo, Nilson Araújo, Carlos Lopes e Raquel Trindade.

A Homenagem ao Professor Eduardo de Oliveira, promovida pelo Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo, Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo e Congresso Nacional Afro-Brasileiro, no dia 26 de junho, lotou o auditório Vladimir Herzog do Sindicato dos Jornalistas, em São Paulo. José Augusto Camargo, presidente do Sindicato dos Jornalistas, Nilson Araújo, presidente do Sindicato dos Escritores, Ubiraci Dantas, presidente do CNAB, José Francisco, filho do professor Eduardo, Carlos Lopes, diretor de redação da *Hora do Povo* e a poeta Raquel Trindade falaram sobre o homenageado. A jornalista Ana Lúcia recitou o poema *Banzo* e Rosani Abou Adal, vice-presidente da Sindicato dos Escritores, declamou o poema *Voz emudecida,* de Eduardo de Oliveira. A solenidade foi encerrada com a apresentação do *Hino à Negritude*, cantado por Gabriela Araújo, acompanhada ao violão por Felipe Mota. O evento contou com as presenças de Audálio Dantas, Flávio Carranca, de Claudia Alexandra (da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial), entre outras personalidades. O mestre de cerimônia foi Nathaniel Braia, diretor do Sindicato dos Escritores.

João Scortecci ministrará a palestra *Como Montar e Administrar com Sucesso uma Editora*, organizada pela Escola do Escritor, no dia 9 de agosto, sábado, das 9 às 16 horas, no Espaço Scortecci, Rua Dep. Lacerda Franco, 96, em São Paulo. www.escoladoescritor.com.br

Carpinejar lançou *Me ajude a chorar,* crônicas, pela Editora Bertrand Brasil.

A 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo será realizada de 22 a 31 de agosto, das 10 às 22 horas, no Pavilhão de Exposições do Anhembi, Av. Olavo Fontoura, em São Paulo. www.bienaldolivrosp.com.br

Crivo de papel, obra de Benedito Nunes, relançada pela Edições Loyola, reúne quinze ensaios do escritor, filósofo e crítico literário. Alguns têm como núcleo a literatura de Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e a historiografia literária do Brasil). Outros colocam em foco a filosofia e seus vínculos com a história, a teologia, a ética e a poesia.